

Violências

“A tua vida prova que não somos o que fazemos, mas que, pelo contrário, somos o que não fizemos, porque o mundo ou a sociedade nos impediram. Porque aquilo a que Didier Erbon chama “vereditos” se abateu sobre nós - gays, transexuais, mulheres, negros, pobres -, e fez que certas vidas, certas experiências, certos sonhos se nos tornassem inacessíveis.”

Édouard Louis¹

Caminhamos repetidamente em direção ao oráculo onde são acumuladas ânsias de auto-representação, um género de cloaca onde o cheiro a urina se confunde ao não cheiro dos jpegs que produzimos - para partilhar\inventar a nossa posição ou simplesmente fingir toda uma existência confirmada por umas tantas pessoas. Nos servidores do outro lado do Atlântico, acumulam-se as imagens e grandes ventoinhas arrefecem as pilhas de lixo digital. Somos trabalhadores da imagem. Produzimos as que forem preciso e não precisamos de salário. Disseram-nos que para existir deveríamos existir dentro das imagens dentro do mundo. Depois, há uns anos, torres desabaram, e a aceleração foi tanta (ou pelo menos mais perceptível), que a estética do desaparecimento ganhou outro significado. E os decretos, as leis, as regras para nos controlar, foram aprovadas de uma noite para a outra, sem hesitação.

Seria demasiado violento pensar na legitimação da violência por parte dos que têm poder político e económico, e que só a violência consegue manter a agenda política por dentro do poder. Aprendemos com Hannah Arendt que o poder usa os mecanismos da violência, mas a violência nunca vai, no fim, gerar poder.² O monopólio de um certo tipo de violência por parte do Estado (assim e deste modo legitimado pela lei), relembra-nos

¹ Édouard Louis, *Quem matou meu pai*, Elsinore, Amadora, 2020 (pág.29)

² Hannah Arendt, *On Violence*, Harvest Book, N.Y., 1970 (pág. 237-243)

que não há ética em grande parte da lei, se a dor é infligida às pessoas mais desprotegidas e se são estas mesmas a ir para a linha da frente, sacrificadas, lançadas como engodo à água, em cada crise.

“Quando vocês se definem como não-violentos, na verdade, de um ponto de vista holístico, muito simplesmente aceitam deixar o monopólio da violência para o Estado, ratificam que ele se dê ao direito de limitar a vossa acção e eventualmente de vos pressionar, de fixar os limites das vossas manifestações e de vos deter - e vocês deixam-no”³

Escreve Geoffroy de Lagasnerie, que aborda, em parte, o tema da violência no seu ensaio “Sair da nossa impotência política”, e alerta-nos para o facto de que a esquerda tem vindo a limitar as suas estratégias de intervenção política por recusar infiltrar-se ou ocupar certos lugares de poder, deixando esse espaço para ser preenchido por militantes conservadores da direita, sendo o caso mais fulgurante a ascensão dos liberais aos corredores do poder decisório. Convida-nos também a refletir sobre a importância de encontrarmos outras formas de intervenção além das greves e manifestações, para contornar as obstruções à liberdade, muitas vezes operadas e organizadas pelo próprio Estado.

Muitas questões se colocam no dia em que decidimos fazer uma exposição sobre violência, a partir de um discurso em torno da fotografia e da arte visual. Se por vezes a fotografia serviu para alterar o curso de uma política, de um evento ou de uma história, a maior parte das vezes serviu para nos tornar testemunhas de uma violência visível, da crueldade humana e da impossibilidade de reagirmos ou atuarmos sobre ela. Sabemos, entretanto, que a maior parte da violência é incapturável e silenciosa (por isso invisível e lentamente acumulável nos sistemas linfáticos). Documentam-se sobretudo os corpos que lidam com a consequência da agressão, sejam segundos ou anos depois do acto. Nesta exposição abordamos uma ínfima parte da realidade do uso da violência, nas suas variadas formas, como ferramenta para ter e exercer poder sobre o outro. Violência que

³ Geoffroy de Lagasnerie, *Sair da nossa impotência política*, BCF editores, Lisboa, 2021 (pág.51)

é administrada de acordo com uma lógica de superioridade, necessidade de controle e proveito por parte do opressor.

O trabalho da fotógrafa iraniana Sima Choubdarzadeh reflete sobre as regras e tradições provenientes de princípios religiosos, usados para oprimir e sabotarem a existência das mulheres no Irão. As imagens estão agrupadas, em dois grupos e com uma sequência sobreposta de retratos em moldura, numa lógica de relação onde a artista usa cada imagem com significado e referenciais muito claros na história recente da luta pelos direitos que as mulheres iranianas enfrentam, interligando-se com a sua própria experiência\biografia. Generosidade tremenda é também o facto de nos dar códigos de acesso através das legendas que faz questão de produzir para cada imagem. Esta é a violência cultural, religiosa, que se torna violência física, psicológica, e numa aniquilação total do ser humano através de uma agenda obscura, conservadora, assente na obrigação de seguir um guião determinado pelo estado\religião.

O Miguel Ângelo Santarém, desde há muito, está implicado no pensamento crítico e acção em torno dos problemas da habitação. Apresenta-nos um tríptico com fotografias a preto e branco de um projeto icónico de habitação social - as Torres do Alto da Eira, erguidas no início dos anos 70, e desenhadas por Francisco Silva Dias e Antonieta Silva Dias, para albergar famílias e indivíduos que habitavam num bairro de lata naquelas imediações e de outros bairros em Lisboa, acomodando cerca de 100 agregados familiares. O projeto que marca a paisagem de Penha Franca, foi também usado como simulacro para se testarem modos de organização e controlo de comunidades, numa lógica de política habitacional e urbanística muito ultrapassadas, em que a própria arquitetura é um motor para a exclusão e isolamento. A parede foi pintada no tom do prédio, a ausência humana nas fotos convoca um possível prolongamento dos rumores e existência por detrás de cada parede de cada apartamento do prédio, sublinhando o silêncio fulcral que distingue a boa fotografia. Silêncio este rompido pelo discurso de uma comissão de moradores do Alto do Eira, em 1975, onde se lê um caderno

reivindicativo para medidas imediatas sobre a habitação. Por exemplo, no ponto seis escutamos “ocupações: continuar e intensificar as ocupações, não permitindo que haja casas sem gente enquanto houver gente sem casas.”

Já George Selley apresenta-nos um trabalho feito a partir de um documento disponibilizado nos anos 90 pelo departamento de defesa dos E.U.A., intitulado *Human Resource Exploitation Training Manual*, onde constavam técnicas de interrogatório, manipulação e tortura, usado por uma academia militar americana (School of the Americas (SOA)), inaugurada nos anos 40 no Panamá, e que deu formação a muitos soldados e ditadores sul-americanos. Ele efectua colagens nos documentos a partir de fotografias de Isaiah Bowman e Eugene Vernon Harris, ambos destacados pelo governo dos Estados Unidos da América, para mapear e documentar através da fotografia as várias realidades latino-americanas. O público é convidado a subir e movimentar a escada de alumínio para aceder aos vários quadros do trabalho, que nos revela um tipo de violência muito metódica, testada e usada em vários cenários, muitas vezes com pessoas inocentes e com o nosso próprio aval (lembrar dos voos “anónimos” que sobrevoaram território aéreo português com destino a Guantánamo).

Que a exposição seja também uma oportunidade para debater e falar sobre outras violências e sobre mecanismos de solidariedade que poderemos colocar em marcha para evitar a promoção de práticas opressoras, o silêncio perante a injustiça e crueldade perante indivíduos e comunidades.

Bruno Humberto, Lisboa, 2023